Cadernos Macambira
V. 6, Nº 1, 2021. Página ***204*** *de* ***369. ISSN 2525-6580***
Anais **IV Seminário Diversidade e Respeito às Diferenças – IV SEDIRD e I Encontro do Grupo de Pesquisa em Educação Especial na perspectiva da Inclusão Escolar**. 06 a 08 de outubro de 2020. Serrinha, BA, Laboratório de Políticas Públicas, Ruralidades e Desenvolvimento Territorial – LaPPRuDes.
http://revista.lapprudes.net/

Eixo 7: Educação Formal e Informal de Estudantes com Altas Habilidades/ Superdotação

IDENTIDADE E RESILIÊNCIA DE UMA PESSOA COM DUPLA CONDIÇÃO: UM ESTUDO DE CASO

Eduarda Pigatto * - Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)

Tatiane Negrini - Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)

*Autora correspondente: eduardadudapigatto@gmail.com

RESUMO: O presente artigo foi elaborado a partir de uma pesquisa realizada durante o Curso de graduação em Educação Especial, pela Universidade Federal de Santa Maria, no ano de 2019. Esta pesquisa objetivou fazer uma problematização sobre os desafios encontrados na construção da identidade de um sujeito com Altas Habilidades/Superdotação (AH/SD) e Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH), ou seja, com Dupla Condição, além de analisar a influência do meio social na constituição da identidade do sujeito com Dupla Condição e compreender a importância da resiliência do sujeito nesse processo de formação de sua identidade. Foi construída com uma abordagem qualitativa em torno de um estudo de caso, e a coleta de dados foi feita por uma entrevista semiestruturada com um sujeito com Dupla Condição e um familiar. Com os dados coletados, é evidente que vários são os fatores que intervém positivamente e negativamente na constituição da identidade de um sujeito, desde os estímulos recebidos de ambientes familiar e escolar, como também questões interacionais e emocionais, destacando a resiliência desse processo. Nesta perspectiva, este artigo evidencia de maneira sintetizada alguns pontos que são primordiais neste caso de Dupla Condição, e que foram pertinentes para o crescimento e desenvolvimento do sujeito, que ocorreu de maneira a potencializar o modo de se entender e de se sentir pertencente a este mundo. Tendo como uma grande referência na área das AH/SD, o autor Renzulli, sendo que este foi um dos principais nomes citados neste trabalho, como também Paludo, Bulhões, Taucei, Pérez, Virgolim, dentre outros autores que contribuíram de grande maneira com seus estudos, nesta pesquisa que buscou problematizar os desafios encontrados dentro do processo de formação de identidade de um sujeito público da Educação Especial.

Palavras-chaves: Altas Habilidades/Superdotação. Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade. Dupla Condição. Identidade. Resiliência.

INTRODUÇÃO

Essa pesquisa teve como base um trabalho desenvolvido durante o Curso de graduação de Educação Especial, sendo que vislumbra-se que o cenário educacional abre horizontes de novas pesquisas, estudos e discussões acerca da temática das altas habilidades/superdotação (AH/SD), com foco na Dupla Condição. Esta área nos instiga como pesquisadores, pois, quando trata-se dos sujeitos público da Educação Especial, muitas são as ideias destacadas, mencionando normalmente a "falta", definindo superficialmente um sujeito, não levando em conta, muitas vezes, suas singularidades e potencialidades, nem mesmo reconhecendo as habilidades destes sujeitos.

Em contrapartida, as pessoas com AH/SD devem ser vistos pelo potencial superior que possuem, e este público está incluído dentro da área da Educação Especial, inserida por lei (BRASIL, 2008; 2015), com direito ao Atendimento Educacional Especializado (AEE).

Pessoas com AH/SD, segundo a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (BRASIL, 2008), tem direito ao atendimento pela área da Educação Especial e ao AEE, e são caracterizados por:

> Alunos com Altas Habilidades/Superdotação demonstram potencial elevado em qualquer uma das seguintes áreas, isoladas ou combinadas: intelectual, acadêmica, liderança, psicomotricidade e artes, além de apresentar grande criatividade, envolvimento na aprendizagem e realização de tarefas em áreas de seu interesse (BRASIL,2008, p.9).

Entende-se que o AEE pode contribuir com a educação dos sujeitos com AH/SD para potencializar suas habilidades e intervir nas dificuldades que possa apresentar. Nesta perspectiva, é de máxima importância a atenção a vários fatores que podem desencadear um desenvolvimento exitoso desses sujeitos, como por exemplo, um diagnóstico adequado, sendo este bem apurado tendo em vista a diversidade de cada sujeito; a família, rede essa que deve se unir a escola e a profissionais da educação na busca de intervenções que potencializem e valorizar as habilidades, e minimizem dificuldades do sujeito com AH/SD.

Quando se trata de um caso de Dupla Condição, normalmente acontece de o transtorno ser tido como prioridade frente às AH/SD. Posicionamentos desse tipo ainda são ouvidos, refletindo nas informações que as pessoas tem sobre a Educação Especial como um todo, desconhecendo as características e peculiaridades das diferentes deficiências, especialmente sobre as AH/SD, e por isso nem sempre sabendo como acompanhar este aluno.

Sobre o sujeito com Dupla Condição, Taucei (2015) referência o conceito como:

> Sujeitos que tanto podem apresentar AH/SD em determinadas áreas do conhecimento, como também algum transtorno especifico, como, por exemplo, transtorno de déficit de atenção e hiperatividade (TDAH), transtorno de Asperger, discalculia, dislexia, entre outros (2015, p.27-28).

Nestes casos, um sujeito com Dupla Condição, necessita de apoio educacional para as duas especificidades que possui, tanto para as AH/SD, como também para a deficiência ou transtorno. Muitas vezes estes sujeitos são diminuídos a sua dificuldade, não sendo vistos também por sua habilidade, o que pode acontecer em sala de aula regular ou em salas de AEE, com mediações voltadas apenas para a dificuldade, e enquanto isso sua habilidade, seu potencial superior não é reconhecido. Uma das explicações mais viáveis para isso, é a falta de conhecimento pela parte dos professores sobre a temática das AH/SD. (BULHÕES, 2016).

Para tanto, é latente a busca de conhecimentos e subsídios, por parte dos professores, para que os mesmos estejam preparados para o atendimento coeso de acordo com as singularidades de cada sujeito. Dessa forma, poderão proporcionar que todos dentro de suas peculiaridades e singularidades tenham aporte necessário, com atividades de mediação e intervenção que supram suas necessidades, e promovam o desenvolvimento pleno de todos.

Nessa perspectiva, essa pesquisa se propôs explorar e fomentar discussões a partir de um estudo de caso, observando a individualidade de um sujeito, seu processo de construção da identidade, dificuldades e conquistas nessa trajetória, sendo este um sujeito avaliado com Dupla Condição (neste caso, AH/SD na Área Musical e TDAH).

Assim, essa pesquisa, além de fazer uma problematização sobre os desafios encontrados na construção da identidade de um sujeito com Altas Habilidades/Superdotação (AH/SD) e Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH), ou seja, um Sujeito com Dupla Condição, busca analisar a influência do meio social na constituição da identidade do sujeito com Dupla Condição e compreender a importância da resiliência do sujeito nesse processo de formação de sua identidade.

O CONTEXTO DAS ALTAS HABILIDADES/ SUPERDOTAÇÃO

A discussão sobre a temática das AH/SD não é recente, tem sua bagagem histórica marcada desde 1924 quando há registros do uso de terminologias como “precoces” e “super-normais”, este último adotado por Leoni Kaseff em 1931, sendo ele o precursor desse prefixo “super” (BRANCO et al, 2017, p. 26). Já os atendimentos direcionados aos alunos com AH/SD no Brasil deram-se início em 1929, com incentivo teórico e prático de Helena Antipoff, que com projetos direcionados, estimulou novas pesquisas e estudos sobre essa área da Educação.

A partir dos anos de 1938, com influência de Antipoff e da Sociedade de Pestalozzi, avanços relacionados a leis e reconhecimento desse público foi ocorrendo de forma significativa. Em 1971, a Lei 5.692, de diretrizes e reforma do Ensino de 1º e 2º graus, em seu art. 9º, destaca pela primeira vez o termo “superdotado”, determinando que alunos identificados recebessem atendimento especial. Logo após, o Centro Nacional de Educação Especial (Cenesp), lançou o Projeto Prioritário nº 35, que implantou uma política voltada para aluno com AH/SD. (BRANCO et al, 2017).

Um dos grandes estudiosos, que tem grande influência no Brasil, com suas ideias envolvendo a temática das AH/SD, é Joseph Renzulli. Definir e medir inteligência, historicamente não foi uma tarefa fácil, tendo em vista as diferentes e variadas teorias estudadas. Renzulli (1986) ressalta que definir superdotação também não é algo simples.

Assim como há diferentes tipos de inteligência, há também diferentes tipos de superdotação para Renzulli, com isso caracterizando a Superdotação Escolar ou acadêmica e a Superdotação Criativo-Produtiva (RENZULLI, 2004). A primeira é mais fácil de ser constatada em testes de habilidades cognitivas (proporção limitada), com isso, é o tipo mais utilizado para selecionar alunos para atendimentos especiais. Esta pode existir em vários níveis, fazendo-se necessária a adaptação curricular, respeitando as individualidades de cada sujeito.

Já a Superdotação Criativo-Produtiva gira em torno da autodeterminação e competência, sendo que as pessoas que a possuem buscam o desenvolvimento de pensamentos, soluções e produtos originais. Mas novamente frisa-se a importância do meio social em que esses indivíduos habitam, das características, dos estímulos e das mediações, para o desenvolvimento pleno ou não dessas habilidades (RENZULLI, 2004).

Outra contribuição de extrema importância de Renzulli (2004) é sua concepção de Superdotação no Modelo dos Três Anéis. Renzulli ressalta que nenhum dos três anéis é mais importante que o outro, e nem necessariamente precisam aparecer na mesma proporção para que os comportamentos se consolidem.

De maneira sintetizada, são três conjuntos de traços que interagem e que representam uma interação, sendo influenciados por fatores de personalidade e fatores ambientais. São eles "a capacidade geral acima da média, é a utilização do pensamento abstrato e a integração de experiências em situações novas" (VIRGOLIM, 2007, p.33). O comprometimento com a tarefa, "é o empenho, muitas vezes entendido como autoconfiança, paciência e perseverança" (VIRGOLIM, 2007, p.34). E os elevados níveis de criatividade giram em torno da "originalidade e flexibilidade de pensamento, da curiosidade, ausência de medo em correr riscos e sensibilidade a detalhes" (ALENCAR & FLEITH, 2001, p.59).

Com as teorias acima vistas, envolvendo alguns grandes autores sobre a temática das AH/SD, percebe-se o quão é variável defini-la em um conceito único. Mas de fato, fatores culturais, ambientais, educacionais e sociais, unidos aos diferentes tipos de personalidade, fazem com que seja ampla a variedade de habilidade, e cada uma com suas especificidades, sendo ou não estimulada a ponto de se desenvolver plenamente.

Diante das características das AH/SD, juntamente com meios históricos e culturais diferentes, é fato que se tem muitas vezes dificuldades na avaliação de um sujeito com AH/SD. É imprescindível a colaboração de diferentes profissionais, escola e família na busca de entendimento do sujeito na sua totalidade, possibilitando assim, além de atendimento educacional especializado, todo o apoio e mediação para ampliar sua habilidade, sendo reconhecidos seu potencial humano.

DUPLA CONDIÇÃO: AH/SD E TDAH

Apesar de as AH/SD e deficiência não serem sinonímias, em alguns casos ocorre a concomitância das AH/SD com alguma outra condição. A Dupla Condição, bem como as AH/SD, é um campo de estudo vulnerável quando se trata de terminologia e de estudos, sendo que segundo Taucei (2015), essa temática é considerada contemporânea. Há registros, que somente no final da década de 70, o pioneiro Maker (1977) levantou as primeiras hipóteses de

que uma pessoa com superdotação poderia apresentar necessidades especiais por conta de uma outra deficiência.

Assim, a Dupla Condição é um fenômeno em que as pessoas,

> podem apresentar AH/SD em determinadas áreas do conhecimento, como também algum transtorno específico, como, por exemplo, transtorno de déficit de atenção e hiperatividade (TDAH), transtorno de Asperger, discalculia, dislexia, entre outros (TAUCEI, 2015, p. 27-28).

É de extrema importância postular, que sujeitos com AH/SD são amparados por lei, como pessoas que tem direito ao AEE e de uma proposta educacional inclusiva, e quando se trata de um caso de Dupla Condição, esse tipo de atendimento se faz ainda mais necessário. A concomitância de comportamentos, quanto do déficit, quanto da habilidade, é um misto de complexidade e requer muita determinação e pesquisa da parte dos profissionais da Educação e de todos que frequentam o ambiente escolar desses alunos.

Conforme aponta Pérez (2004, p.25),

> [...] o estudante com AH/SD não possui uma característica que o identifica rapidamente, como é o caso de alguns estudantes com determinadas deficiências. Pelo contrário: como suas características de AH/SD são observadas pelo seu comportamento e expressão, sua identificação dependerá muito mais do olhar e da escuta aguçada dos professores do que qualquer coisa.

Essa situação fica ainda mais fragilizada quando trata-se de um caso de Dupla Condição (sem generalizações) mas sobretudo esses sujeitos que muitas vezes podem vistos pelos professores e outros profissionais, por suas dificuldades e fragilidades e não pela sua habilidade. Nesta perspectiva, muitas vezes o aluno recebe atendimento educacional voltado somente ao déficit, sem receber amparo educacional quanto ao seu potencial, desse modo, tendo defasagem em desenvolvê-lo plenamente.

Justifica-se assim, a importância dos profissionais que trabalham com esse público da Educação Especial, o fomento de instruções, pesquisa e estudo com casos de AH/SD, como também com o subgrupo, a Dupla Condição, com o objetivo de ampliar conhecimentos e estratégias de intervenções, visando proporcionar maior qualidade de vida a essas pessoas.

Outra questão importante nessa pesquisa, é a temática do Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH), sendo essa uma construção social e histórica. Alves e Nakano (2015), postulam que nos séculos XIX e XX, uma nova concepção de infância surgiu, tanto no mundo médico como também na cultura popular. Sendo assim, essa nova visão tinha um modelo pautado na autorregulação e controle de corpos, com o objetivo de que toda criança indisciplinada torna-se obediente e útil à sociedade.

Conforme Hosda, Camargo e Negrini (2009, p. 406), o

> TDAH, é caracterizado por desatenção e/ou hiperatividade, tendem a ter rendimentos escolares e rotineiros mais baixos, podem ser completamente introspectivas, alguns problemas de memorização,

capacidade de organização e interiorização de conceitos e aprendizagens.

Apesar de serem duas coisas diferentes, segundo Kaufmann (2000, apud ALVES e NAKANO, 2015), algumas características de TDAH e AH/SD se assemelham, tais como “fala rápida, impulsividade, intensa curiosidade e dificuldades de adaptação em novos ambientes”. Essa informação contribui na propagação de equívocos na caracterização e identificação desses sujeitos, por essas semelhanças.

Quando se trata de um caso de Dupla Condição, (AH/SD e TDAH) características específicas surgem, como desempenho acadêmico inconstante e prejuízos nas habilidades motoras finas, e interesse por conhecimentos não acadêmicos. Budding & Chidekel (2012, apud ALVES e NAKANO, 2015, p. 352) postulam que o grande diferencial de uma criança com TDAH ou AH/SD, para uma criança com Dupla Condição é o desempenho criativo e o pensamento divergente. Nesse sentido enfatiza-se a importância de estudos por parte dos profissionais da Educação para melhor compreensão destes casos.

O SUJEITO COM DUPLA CONDIÇÃO E SEU MEIO SOCIAL

Cada um de nós, seres humanos, possuímos diferentes características e histórias de vida, vivemos em distintos meios sociais, com culturas e singularidades próprias. A cada novo acontecimento que surge, seja ele qual for, reagimos de maneira desigual de outras pessoas, em resultado dessas divergências mencionadas.

Ao se tratar de um acontecimento que envolva avaliação de alguma deficiência ou necessidade educacional, neste caso uma avaliação de AH/SD e TDAH, o sujeito e a família podem reagir de maneiras diversas, relutando ou aceitando esse evento. A maneira como cada sujeito, familiares e escola, ou seja, os ambientes gerais que o sujeito possa frequentar, visualizam este "diagnóstico" pode ter notórios contrastes em questões desenvolvimentais.

Segundo Sternberg (2005, apud VIRGOLIM, 2014, p. 224), o que determina o “sucesso” de uma pessoa, no que tange a seu desenvolvimento humano, está nas inter-relações com os outros, especialmente os pares mais próximos, em sua sociedade, e que a inteligência está ligada a aspectos de emoção e afetividade. A maioria das coisas que sabemos é aprendida durante toda nossa vida, e o comportamento é uma delas. O comportamento é caracterizado por Vygotsky (2001), como mediação entre a cultura e a pessoa, sendo demonstrado em nossas motivações sociais.

Nesta perspectiva, visualiza-se o quão importante é o meio em que o sujeito vive e se relaciona, no modo geral e principalmente quando trata-se de alguma condição diferente. Todos os estímulos positivos ou negativos que recebe, agregam na formação do ser como sujeito humano, com comportamentos e singularidades ímpares e influenciáveis, estes podendo ser decisivos para o desenvolvimento cognitivo, emocional e social do sujeito.

A identificação de um transtorno e/ou deficiência em uma criança, na grande maioria das vezes, não é esperado pela família, sendo normalmente depositados muitos sonhos e expectativas aos pequenos, mas quando essas perspectivas se deparam com alguma barreira de desenvolvimento, o luto é inevitável. Na opinião de Franco (2008):

> O luto é uma experiência natural e esperada, em resposta ao rompimento de um vínculo. Portanto, sua importância reside na possibilidade de o indivíduo viver essa transição psicossocial, de maneira a poder incluí-la em sua vida sem a tentativa de anular a relação, mas, sim, para poder encontrar uma condição segura para ter essa mesma relação na vida que viverá dali para frente (FRANCO, 2008, p. 20).

Muitas das vezes, o processo de aceitação tanto do sujeito quanto da família, é longo e requer muito apoio de familiares e até mesmo a ajuda de profissionais. Diversos estudos realizados por Barbosa (2008) apontam a necessidade de apoio e suporte por parte dos profissionais neste período. É a partir desse processo, que inicia-se uma jornada envolvendo o sujeito avaliado, a família e escola, que segundo Vilela (2006), pode ser um quesito essencial para avanços da criança com deficiência, na busca do desenvolvimento necessário, para que o sujeito possa crescer e se fortalecer na sua constituição e aprendizagens, quanto um ser capaz dentro de suas potencialidades e especificidades.

Segundo a Lei 13.146 de 2015 (BRASIL, 2015), lei esta que assegura e promove a igualdade, e o exercício dos direitos e das liberdades fundamentais da pessoa com deficiência, e o Decreto nº 3.956/2001 (BRASIL, 2001), reafirmam que as pessoas com deficiência têm os mesmos direitos humanos e liberdades fundamentais que as demais pessoas, sendo que qualquer diferenciação ou exclusão que possa impedir ou anular o exercício dos direitos humanos e de suas liberdades fundamentais será considerado como discriminação.

Contudo, a avaliação de um sujeito em uma sociedade que ainda tem uma forte influência de preconceitos enraizados sobre diversas temáticas, apesar de todo amparo de leis e pesquisas, pode causar um sentimento de insegurança.

É notória a importância de que os profissionais da educação estejam atentos, e sejam criativos e pesquisadores, frente aos alunos que muitas vezes são excluídos e/ou rotulados dentro do ambiente de ensino, por suas condições de desenvolvimento.

Uma avaliação de AH/SD e de TDAH, pode fazer parte do sujeito, mas não constitui sua totalidade, não traduz tudo aquilo que esse sujeito é ou pode ser na vida. Por isso a importância da união sujeito/família/escola, na busca de identificação e atendimento de maneira que favoreça ao sujeito seu crescimento, aprendizagens, interações que venham a acrescentar na sua identidade, no seu próprio reconhecimento e de sentir-se capaz de realizar suas aspirações dentro de suas perspectivas.

Salienta-se que uma avaliação inicial pode também não visualizar o aluno em seu todo. É necessário frisar que tanto a avaliação pedagógica, como a psicológica podem causar efeitos no sujeito, que podem variar a partir da avaliação dada, esta sendo positiva ou negativa, podendo ser um grande demarcador de expectativas e realidades dos sujeitos avaliados. (TAUCEI, 2015).

IDENTIDADE E A RESILIÊNCIA

A constituição do ser humano, quanto identidade, inicia-se antes mesmo do nascimento, sendo ele representado como filho de tal família, portando referido sobrenome, e

posteriormente essa concepção é interiorizada pelo sujeito, fazendo parte de si mesmo. Outras características externas de outras pessoas e do meio, são capazes de formar e referenciar certa identidade, que com interações nesses grupos, afloram características individuais do indivíduo. Nesta perspectiva, Paludo (2014, p.49) afirma que "a identidade não é somente uma produção subjetiva, mas também depende das condições objetivas, dentre elas, as relações com outras identidades (pessoas e coisas)."

Pérez (2008, p.79) ressalta que,

> [...]aspectos biológicos também concorrem para a definição da identidade e, mesmo que a exclusão gerada pela diferença que a determina possa ter raízes culturais e estar baseada na representação cultural que se tenha dela, existem, sim, identidades que são formadas em torno de certas características genéticas do ser humano, como, por exemplo, a identidade das pessoas que apresentam alguma diferença física ou cognitiva gerada por causas orgânicas ou não.

Nessa lógica, o processo de desenvolvimento da identidade é um fenômeno biopsicossocial, as inter-relações que acontecem entre esses elementos biológico, psicológico e social constitui o que cada sujeito é, e sua maneira de atuar no mundo.

Com isso, o sujeito que nasce com uma condição diferenciada percorre um caminho longo, cheio de desafios, descobertas, barreiras e encontros de reconhecimento de si próprio e da sua condição dentro do ambiente social e cultural que habita. Esse percurso, quando se fala de Dupla Condição, é redobrado visto que o sujeito precisa conhecer e reconhecer-se nas duas especificidades que possui. (BULHÕES, 2016).

À vista disso, Ourofino e Guimarães (2007) observam que a busca por conquistar a "normalidade" pode suscitar sentimentos de falta de confiança, ansiedade, baixa autoestima, entre outros. E normalmente esses sentimentos não tão bons afloram quando inicia-se a vida escolar do sujeito, espaço onde ele terá maior contato com outras crianças, que poderão surgir comentários negativos sobre si frente a esse grupo.

Segundo Virgolim (2007),

> Se desde cedo o desenvolvente só recebe críticas negativas, é esperado que internalize as mesmas, constituindo, neste caso, um sistema de crenças negativas sobre si próprio. Em função disso, há grande probabilidade de bloquear o processo de desenvolvimento, na medida em que inibe sua capacidade natural de pensar e criar; não utiliza seu potencial plenamente, passando a ver como incompetente e inábil. Por outro lado, se a criança receber respostas encorajadoras por parte de pessoas significativas para ela e concluir que é aceita e valorizada, enxergará a si mesma como alguém competente e capaz de criar, além de ter satisfação consigo mesma; assim, há grande possibilidade de desenvolver sua potencialidade de forma plena. (VIRGOLIM, 2007, p.56).

É importante ter um olhar mais cuidadoso frente ao âmbito das relações no contexto familiar e escolar do sujeito. O primeiro contexto, necessita sempre estimular e encorajar, apesar dos desafios; mediar interações que fomentem o crescimento do sujeito, visando as suas potencialidades e singularidades. O segundo, a escola, precisa ser aquele ambiente em que o aluno queira estar, que se sinta bem com propostas e atendimentos que intervenham nas dificuldades, mas que também possibilitem, através do potencial do aluno, um desenvolvimento e aprendizagem plena. (PÉREZ, 2008).

Além do mais, a ênfase excessiva na dificuldade, acaba que mascarando todo o potencial do sujeito, fazendo com que ele próprio aceite e se contente com aquela posição. Da mesma forma, quando se trata de um caso de AH/SD, por exemplo, normalmente é o

menosprezado o direito de um atendimento educacional especializado, com a justificativa de que não se faz necessário, pelo seu potencial. (BULHÕES, 2016).

Esses ambientes de convívio do sujeito, quando se tornam propícios para o aprendizado e evolução de todos, são aptos também para a constituição sadia de identidade, juntamente com questões emocionais e de resiliência. A construção da identidade desses alunos em sala de aula e fora dela também se dá pelo modelo social. De acordo com Bampi, Guilhem e Alvez (2010, p. 3), em síntese, a ideia básica do modelo social é que a deficiência não deve ser entendida como um problema individual, mas uma questão da vida em sociedade, o que transfere a responsabilidade pelas desvantagens das limitações corporais do indivíduo para a incapacidade da sociedade em prever e se ajustar à diversidade.

Em relação as AH/SD, o modelo social é importantíssimo em concordância com o desenvolvimento do sujeito, pois quando a sociedade o enxerga como um ser capaz, eleva seu potencial, possibilitando autoconfiança, motivação e estímulos, fazendo com que o mesmo sinta-se confiante frente a todos que o rodeia, tendo assim, espaço para potencializar ainda mais sua habilidade (RENZULLI, 2004).

Em consonância com os aspectos e significação do termo resiliência, esta que vem ganhando espaço nas últimas décadas no meio acadêmico, especialmente na área da psicologia, mas que também fomenta e impulsiona pesquisadores na área da educação. (PALUDO, 2014).

Grotberg (2005, apud PALUDO, 2014), em sua proposição acerca do conceito de resiliência, postula que esta “consiste na capacidade do ser humano para enfrentar e superar experiências de adversidade, fortalecendo-se ou transformando-se positivamente diante de situações estressoras”. Alguns autores, e principalmente Wolin e Wolin (1993, apud PALUDO, 2014), apontam algumas características pessoais, considerados pilares da resiliência, nominando-as de “Mandala da Resiliência: introspecção, independência, capacidade de se relacionar-se, iniciativa, humor, criatividade e moralidade”.

Com isto posto, as colaborações sobre o conceito de resiliência, deixa claro suas significações e sua relação com a construção de identidade de qualquer pessoa e também de um sujeito com Dupla Condição, juntamente ao meio social e aos estímulos que são lançados no ambiente que o mesmo está imerso. Mais uma vez fica explícito que o sujeito com AH/SD, assim como outro sujeito, não constrói suas concepções, sua personalidade e não se desenvolve sozinho, mas existe uma grande rede de convívio entre pares dentro de uma

determinada cultura, recebendo determinados estímulos, cresce e se constitui respondendo a essas interações da forma que internaliza esses acontecimentos.

METODOLOGIA

O trabalho desenvolvido segue um paradigma qualitativo, pois analisa as peculiaridades e experiências individuais de um sujeito, alicerçado em uma pesquisa nominada Estudo de Caso. Segundo Gil (2008), o estudo de caso é caracterizado pelo estudo profundo e exaustivo de um ou poucos objetos, de maneira que permita seu amplo e detalhado conhecimento.

A coleta de dados foi feita através de Entrevistas Semiestruturadas, sendo que os sujeitos participantes foram uma pessoa com AH/SD e TDAH, e seu familiar. Essa entrevista é caracterizada pela abordagem semiestruturada, seguindo algumas questões previamente estabelecidas, deixando em aberto espaço para outras que pudessem surgir, possibilitando a espontaneidade, conforme necessitar.

Para a análise dos dados foi utilizada a Análise de Categorias, sugerida por Bardin (2011), mecanismo que facilita a interpretação dos dados recolhidos. Em outras palavras, "A categorização é uma operação de classificação de elementos constitutivos de um conjunto, por diferenciação e, seguidamente, por reagrupamentos segundo o gênero com os critérios previamente definidos" (BARDIN, 2011, p. 119).

Os sujeitos da pesquisa foram informados da seriedade da mesma, e que a participação dos mesmos era de máxima importância, garantindo que não seriam expostos a nenhum tipo de vulnerabilidade em função dos dados disponibilizados. Foi mantido o anonimato dos sujeitos participantes do estudo.

DISCUSSÕES E RESULTADOS DA PESQUISA

Com os objetivos preestabelecidos durante este trabalho, serão discorridos aspectos relacionados aos mesmos, fazendo uma análise de alguns pontos chaves que são, a influência do meio social na identidade do sujeito com Dupla Condição e a importância da resiliência do sujeito nesse processo.

Após contato inicial com os sujeitos da pesquisa e o convite, que foi aceito pelos mesmos para participar da pesquisa, foram agendadas as entrevistas. Estas aconteceram em dias distintos, primeiramente com o familiar do sujeito, sua mãe que está nominada de G., com 37 anos, formada em Pedagogia e atua como professora em duas instituições; e posteriormente com o sujeito com Dupla Condição, nomeado de F., com 18 anos, estudante de uma Escola Estadual da cidade de Santa Maria/RS/Brasil.

A Influência do Meio Social no Processo de Formação da Identidade

Neste tópico serão abordados alguns ambientes que foram de extrema importância para o sujeito F., em termos de desenvolvimento tanto de sua habilidade superior, como também na minimização de suas dificuldades. Sobre os períodos escolares de F., o mesmo deixa

transparecer o quanto foram trabalhosas suas experiências escolares, a mãe G. também confirma essa fala. Foram cerca de oito instituições de ensino que F. perpassou durante seu período escolar.

O principal motivo disso, foi a falta de compreensão, pois segundo os sujeitos entrevistados, "[...] foi um turbilhão de escolas, a maioria alegando os problemas, mas nunca viam o potencial dele. E quando viam, não usavam isso dentro da sala de aula, para o progresso dele [...]" (fala do sujeito G.); "[...] Sempre tive muitos professores e eu sabia que eles não gostavam de mim, pelas minhas atitudes e comportamentos [...]" (fala do sujeito F.). Nestes trechos da entrevista fica explicito que algumas instituições de ensino, ainda tem muitas dificuldades no ensino junto ao público da Educação Especial.

Outrossim, destaca-se a fala de G. quando menciona que, pelas escolas que F. passou, não eram valorizados seus potenciais, o que traz uma reflexão profunda, tendo em vista que estes alunos acabam sendo vistos pelas suas dificuldades, comportamentos inadequados, e não pelas suas habilidades que precisam/podem ser enriquecidas.

A busca incessante de conhecimento e pesquisa pelos professores é tão produtivo para ambos os lados, tanto para o profissional que aumentará sua experiência e capacidade na hora de intervir e mediar, e tanto ao aluno que receberá um atendimento mais criativo e lúdico mas sem deixar de ser direcionado. É importante professores e outros profissionais da educação, ir ao encontro de novas perspectivas de ensino, para que o ambiente escolar seja prazeroso para o desenvolvimento dos alunos.

Quando questionados sobre o AEE, a mãe G., postula,

> "[...] nunca resolveu nada, era algo para cumprir tabela do que para ajudá-lo [...] sentíamos que ele não via resultado naquilo [...] ninguém está preocupado em atende-lo nem pelo TDAH e nem pela AH/SD. Poucos foram os momentos que ele realmente era atendido por uma educadora especial". (Sujeito G.)

Indo ao encontro, F. expõe: "[...] no AEE, era legal participar, mas não sentia diferença nenhuma, jogava joguinho e era isso [...]". Nota-se mais uma vez, que embora os sujeitos como F., sejam aparados por lei ao direito de receber o AEE, o despreparo de algumas instituições e profissionais ainda é manifesto.

Diante da perspectiva do ser professor de Educação Especial, é evidente e necessário para uma boa atuação e por conseguinte um desenvolvimento efetivo dos alunos, obter aperfeiçoamento/formação continuada e ter métodos de conhecer e compreender seus alunos, suas características, seus antecedentes escolares, as concepções do "diagnóstico".

E ter a família como uma grande aliada, na busca de desenvolver atividades e intervenções que os envolvam de maneira coesa, visando tanto suas potencialidades/habilidades, mas também intervindo em suas dificuldades, de modo que as minimizem.

Durante esses períodos escolares, em seu ambiente familiar, sua habilidade musical era notada de forma significativa desde muito cedo, sendo que com o pai do sujeito F., também musicista, ambos frequentavam CTG´s e bandas gaúchas, fazendo com que a possibilidade

de contato de F. com o que mais lhe despertava interesse era maior, podendo refinar seu potencial. Embora também descreva que encontrou desafios frente a algumas características do TDAH, como por exemplo, dificuldade de aceitar diferentes opiniões e de não seguir assiduamente regras, e por essas razões, seu círculo de amizades é pequeno.

Deste modo, F. postula que tem ciência que muitas das suas dificuldades de interação está relacionado ao seu transtorno.

Portanto, pode-se concluir que o meio em que F. vive, desde sua infância, foi limitado por suas dificuldades interacionais e que estas geraram conflitos, mas o contato social que ele manteve com as pessoas que o rodeavam, fizeram com que seu potencial se desenvolvesse e que ele compreendesse que as suas dificuldades se retratavam em função de seu transtorno.

Importância da Resiliência na formação de Identidade

Parece comum, em algumas teorias de desenvolvimento humano, que este seja o resultado da interação do sujeito com o seu ambiente. Bronfenbrenner traz uma perspectiva mais abrangente sobre essa temática, além do ambiente que o sujeito habita, relações em outros contextos exercem influência no processo de formação do sujeito em desenvolvimento. Neste sentido, segundo ele:

> O desenvolvimento humano envolve um ser ativo e as características advindas dos ambientes próximos, processo este influenciado pelas relações entre os contextos mais amplos e distantes ao sujeito. Verifica-se, deste modo, uma visão ampliada do ambiente, concebido como uma disposição de estruturas encaixadas, dentro da outra, cada qual presente na seguinte. Essas estruturas são denominadas, na Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano, *microssistema*, *mesossistema*, *exossistema*, e *macrossistema*, as quais gradativamente, tornam-se mais abrangentes. (BRONFENBRENNER, 2011, apud PALUDO, 2014, p.25).

Indo ao encontro dessa perspectiva, Paludo (2014) compara o processo de formação de identidade, como uma metamorfose, esta acontece de forma gradativa, levando em consideração as condições que o meio lhe oferece, dentro de suas condições sociais, e a cada interação com o outro, possibilita maior maleabilidade no processo.

Durante os percursos que passamos na vida, cada sujeito tem os mais diversos tipos de experiências, boas e ruins, que configuram-se importantes para o crescimento e amadurecimento. Quando uma pessoa passa por momentos difíceis em sua vida, e sai desse fortalecida e com novas possibilidades de ajustamento, são consideradas resilientes. Nesta perspectiva, Bulhões (2016), ressalta a importância da resiliência no contexto em que se vive. Pereyra (2011, apud PALUDO, 2014, p. 76), descreve:

> A resiliência é mais que a atitude de resistir a uma destruição, preservando a integridade em circunstâncias difíceis, é a atitude de raciocinar positivamente apesar das dificuldades e a possibilidade de construir baseando-se nas forças próprias do ser humano. Não é apenas

> sobreviver apesar de tudo, é ter a capacidade de usar a experiência derivada das situações adversas para projetar o futuro. (PEREYRA, 2011, apud PALUDO, 2014, p. 76. Traduzido).

Considera-se essa discussão primordial para nossas reflexões, não apenas sobre os sujeitos público da Educação Especial, mas para todos que estão envolvidos de alguma maneira com a área da Educação. O termo resiliência, ser um sujeito resiliente, foi mencionado na entrevista, onde o sujeito G., exprimiu que eles, os pais de F., apesar de todos os percalços que passaram, a resiliência sempre esteve presente. Quando foi descoberto o diagnóstico, desde os vários problemas escolares na infância, dificuldades interacionais com as outras pessoas, e outros eventos que só eles sabem, e quando o próprio F., se compreendeu dentro de suas especificidades, tanto no seu potencial superior como também no transtorno, foram momentos marcantes de ressignificação e resiliência.

Neste contexto, F., na sua maioridade, vê-se com um jovem como qualquer outro, com seus sonhos, perspectivas futuras e com planos de profissão, vislumbrando sua vida a sua maneira. Embora ele retrate sua infância e adolescência como momentos de grandes turbulências, percebe-se que esses períodos fizeram e fazem dele mais forte e resiliente, compreendendo suas potencialidades e também suas dificuldades, e capaz de decidir o que ele almeja ser e fazer.

CONSIDERAÇÃO FINAIS

Refletindo sobre a análise dos dados que foram reunidos neste artigo, ficou evidente que grandes foram os desafios encontrados pelo sujeito em sua vida escolar. Embora esses desafios o impossibilitaram de ter um "melhor" desenvolvimento dentro de suas potencialidades e especificidades, ambientes como o meio social e o familiar possibilitaram ao sujeito uma mediação e interação singular em busca de um crescimento que ainda é contínuo dentro de seu cotidiano.

Válido também destacar o entendimento de que cada sujeito é único, e se desenvolve a partir de suas perspectivas, e como é importante ter consciência de que somos frutos do que nos toca, estímulos bons e ruins nos atravessam a todo tempo, e é necessário levar conosco sempre o que nos faz crescer. Um sujeito com alguma avalição, quando cresce e se desenvolve em um ambiente social favorável (estímulos, mediações, espaços especializados adequados), alcança um desenvolvimento cognitivo, social, psíquico e emocional.

Vários posicionamentos nos levam a refletir sobre os obstáculos que ainda os alunos com AH/SD encontram e não apenas eles, mas todo o público da Educação Especial. E quando se trata de um aluno com Dupla Condição, percebe-se como ainda é grande a dificuldade de profissionais de realizar um atendimento efetivo, visando atender as duas especificidades.

É necessário se ter mais conhecimento desse público, tanto família como escola, de forma que despertem novas pesquisas, estudos e formação, para que se faça um trabalho que respeite a diferença desses sujeitos, que muitas vezes estão passando por momentos de frustração e desespero frente a algo que as pessoas de seu cotidiano não compreendem. Todo estímulo positivo que sujeitos com Dupla Condição recebem, vindo da família, escola e dos

ambientes que possam frequentar, visando sua potencialidade mas também intervindo em sua dificuldade, é imprescindível para que o crescimento e desenvolvimento desses sujeitos ocorra de maneira que potencialize o modo de cada um se entender e de se sentir parte desse mundo.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, E. S.; FLEITH, D. de S. **Superdotados: determinantes, educação e ajustamento**. 2. ed. São Paulo: EPU, 2001.

ALVES, R. J. R.; NAKANO, T. C. **A Dupla-Excepcionalidade: Relação entre Altas Habilidades/Superdotação com a TEA, TDAH e TA**. Rev. Psicopedagogia, 2015.

BAMPI, L. N. S.; GUILHEM, D.; ALVES, E. D. **Modelo social: uma nova abordagem para o tema deficiência.** Rev. Latino-Am. Enfermagem jul-ago 2010.

BRANCO, A; TASSINARIA, A; COMTE, L.; ALMEIDA, M. A. **Breve histórico acerca das altas habilidades/superdotação: políticas e instrumentos para a identificação**. Educação, Batatais, v.7, n. 2, p.23-41, 2017.

BRASIL. Resolução CNE/CEB nº 2, de 11 de setembro de 2001. **Institui Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica**. Brasília, 2001.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva**. Brasília: MEC, 2008.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. **Política Nacional de Inclusão da Pessoa com Deficiência.** Brasília: MEC, 2015.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BULHÕES, P. F. **O cinema e a história de vida: representações de um estudante com AH/SD acerca da identidade resiliente**. 2016. 270 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2016.

FRANCO, Maria Helena Pereira. Porque estudar luto na atualidade. In: FRANCO, Maria Helena Pereira. **Formação e rompimento de vínculos**: o dilema de perdas na atualidade. São Paulo: Summus, 2008.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. SP: Atlas, Cap. 6, p. 57- 58, 2008.

GUIMARÃES, T.; OUROFINO, V. T. A. T. Estratégias de identificação do Aluno com Altas Habilidades/Superdotação. In: FLEITH, Denise de Souza. (org.). **A construção de práticas educacionais para alunos com altas habilidades/superdotação:** volume 1: orientação a professores. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2007.

HOSDA, C. B. K.; CAMARGO, R. G.; NEGRINI, T. **Altas habilidades/superdotação e hiperatividade: possíveis relações que podem gerar alguns equívocos**. In: IX Congresso Nacional de Educação (PUCPR). Anais do IX Congresso Nacional De Educação (PUCPR); 2009.

PALUDO, K. I. **Altas Habilidades/superdotação, Identidade e resiliência.** Curitiba: Juruá, 2014.

PÉREZ, S. G. P. B. **Ser ou não ser, eis a questão: o processo de construção da identidade na pessoa com Altas Habilidades/Superdotação adulta.** 2008. Tese (Doutorado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: 2008.

PIGATTO, E. **Altas Habilidades/Superdotação e Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade: A Constituição da Identidade da Pessoa com Dupla Condição.** 2019. 66 p. Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS, 2019.

RENZULLI, J. S. **The three-ring conception of giftedness: a developmental model for creative productivity**. In: RENZULLI, J. S.,. REIS, S. M.; (Eds.). The triad reader. Mansfield Center, Connecticut: Creative Learning Press, (Trad. Pérez). 1986.

RENZULLI, J. S. **O que é esta coisa chamada superdotação, e como a desenvolvemos? Uma retrospectiva de vinte e cinco anos.** Tradução por Susana Graciela Pérez Barrera Pérez, 2004.

TAUCEI, J. R. **Envolvimento dos estudantes na escola: reflexões sobre práticas pedagógicas interativas com aluno superdotado.** In: VEIGA, F. H. (Org; Coord.). CONGRESSO INTERNACIONAL ENVOLVIMENTO DOS ALUNOS NA ESCOLA: PERSPECTIVAS DA PSICOLOGIA E EDUCAÇÃO, 1., 2015.

VIRGOLIM, A. M. R. **Altas habilidades/Superdotação: encorajando potenciais.** Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, Brasília, 2007.

VIRGOLIM, A. M. R. **Altas Habilidades/ Superdotação, Inteligência e Criatividade: Uma visão Multidisciplinar**. Campinas, SP: Papirus, 2014.